

Um toque canadense para clássicos shakespeareanos

Carlos Henrique Bento

Resumo: Este texto consiste em uma análise de *Goodnight Desdemona (Good morning Juliet)*, de Ann-Marie MacDonald, em que o livro é lido como uma revisão de duas obras shakespearianas: *Romeu e Julieta* e *Otelo*.

Abstract: This text analyses the plot of *Goodnight Desdemona (Good morning Juliet)*, by Ann-Marie MacDonald, reading it as a review of two Shakespearean works: *Romeo and Juliet* and *Othello*.

Certamente há diversas maneiras de se ler os clássicos da literatura. Comumente, os críticos e os leitores considerados como mais informados ou endossam as idéias difundidas no texto, contribuindo para a consagração da obra e do escritor, ou criticam tais idéias, rechaçando-as, ou utilizam aquelas mesmas idéias em conexão com contextos diversos, a fim de corroborar opiniões próprias que, assim, têm o privilégio de receber a bênção de um nome célebre para sua legitimação. Independente da postura ou do objetivo de quem se dispõe a ler e a publicar suas impressões da leitura, o fato é que clássicos só se tornam dignos desse título porque são capazes, lembrando Barthes, de gerar constantes publicações a seu respeito. Bom exemplo disso é a obra de Shakespeare, que faz com que as bibliotecas precisem, de tempos em tempos, acrescentar novas estantes à seção dedicada à sua obra, a fim de comportar os novos volumes que se debruçam sobre a biografia e os livros desse ícone máximo do cânone inglês.

Mas, claro, os clássicos não são perfeitos. E ainda que o sejam de algum ponto de vista, como o estético, é fato que estão ligados à forma de pensar daquele autor ou autora, e certamente encontram-se imbricados com o contexto que cerca sua

produção. Por isso, são tomados para uma leitura ainda mais aguda e subversiva: a reescrita ou a escrita revisionista. Esse tipo de produção busca estabelecer um diálogo com o texto original, discutindo as mais diversas questões, como as relações de gênero, por exemplo. Shakespeare, novamente, é um caso exemplar. Na introdução ao livro *Transforming Shakespeare*, Marianne Novy (1999, p. 1) afirma que “o final do século XX assistiu a uma explosão de literatura em que mulheres reescrevem Shakespeare”. Essas mulheres buscam, por meio da reescrita, revisar as posições afirmadas pelo texto original a respeito do gênero. Trata-se de um trabalho cuidadoso, que pode ser visto como um colocar-se no lugar hipotético, imaginado por Virginia Woolf, de irmã de Shakespeare. Nesse caso, não uma irmã que, possuindo o gênio do autor, fosse capaz de legar ao mundo uma obra tão vultosa quanto a dele, mas alguém que possa tomar tais tramas para si e atualizá-las, rejeitando as idéias que não são mais adequadas. Nesse sentido, é como se houvesse um reconhecimento de que, se não foi possível escrever como Shakespeare, sempre é possível reescrever e dialogar com o que ele escreveu. E isso as mulheres têm feito e muito bem. Dentre essas muitas revisões é que *Goodnight Desdemona (Good morning Juliet)*, da canadense Ann-Marie MacDonald, encontra seu lugar.

No caso de MacDonald, o lugar de irmã de Shakespeare parece ainda mais singular, uma vez que ela escreve em um país que tem uma literatura projetada internacionalmente graças a suas mulheres escritoras. Afinal, não há como negar que, apesar dos inúmeros escritores homens, nenhum deles consegue atrair tanto os leitores quanto a crítica, no próprio Canadá e internacionalmente, como Margaret Laurence ou Margaret Atwood, para citar apenas dois exemplos. Trata-se, além disso, de um país que teve seu primeiro romance em língua inglesa – *The history of Emily Montague*, de 1769 – escrito por uma mulher, Frances Brooke.

De acordo com o livro *The Cambridge companion to Canadian literature*, “atualmente, Margaret Atwood, Alice Munro, e Carol Shields, que começaram a publicar nas décadas de 1960 e 1970, são sinônimos da literatura canadense

internacionalmente” (Kröller, 2004, p. 194). Um pouco à frente o livro lembra que “estas mulheres modernas são as herdeiras de uma longa tradição de escrita de mulheres no Canadá” (p. 195). Com certeza, é inegável que a importância das escritoras na literatura canadense é mais visível que em muitas literaturas nacionais, como é o caso da literatura brasileira. Convém perceber que o que faz a diferença na literatura canadense é também a regularidade da escrita de mulheres, pois elas assumem papel importante durante toda a história literária do país. A cada geração, surgem novas mulheres que continuam o trabalho, mantendo a linhagem e contribuindo para o fortalecimento de uma tradição literária que ganha cada vez mais espaço no mundo todo. Ann-Marie MacDonald é parte da mais nova geração.

Goodnight Desdemona (Good morning Juliet) é protagonizado por Constance Ledbelly, uma professora assistente na Queen’s University, em Kingston, Ontário. Ela também serve como *ghost-writer* para o professor Claude Night. Constance tenta, há muito, terminar sua tese de doutorado, buscando provar que Shakespeare teria composto as obras *Othello* e *Romeu e Julieta* a partir de outros textos, originalmente comédias. Para ela, o que Shakespeare teria feito é eliminar um personagem, “the fool”, permitindo o desencadeamento dos episódios trágicos. Sua aposta é de que sua tese poderia ser provada por meio do deciframento de um velho manuscrito, chamado *Gustav manuscript*, um documento sem credibilidade acadêmica. Na véspera de seu aniversário, Constance está em seu gabinete na universidade, tentando encontrar argumentos para sua tese, quando entra o professor Claude Night, anunciando que assumiria um cargo na universidade de Oxford. Uma má notícia para Constance, que esperava ser indicada para o cargo. Além disso, ele anuncia que se unirá a uma aluna. Outra má notícia, uma vez que Constance acreditava amá-lo, encontrando no amor a justificativa para se submeter ao trabalho de *ghost-writer*. Claude, antes de sair, recolhe os últimos artigos escritos por Constance e faz algumas considerações negativas sobre a sua tentativa de tese, afirmando que se ela continuasse com a idéia sobre o manuscrito, jamais

conseguiria terminar o doutorado (MacDonald, 1998, p. 16). Com tantas más notícias, tão logo Claude Night se retira, Constance, furiosa, decide se demitir da universidade. Então, ela é sugada através da lixeira e cai dentro da peça *Otelo*. Começa, assim, uma estranha viagem que, além da Chipre de Othelo, passa pela Verona de Romeu e de Julieta. Nas duas peças, Constance interfere, impedindo os finais trágicos. Sua presença, óbvio, causa muita confusão. Ela revela o plano de Iago, pegando o lenço de seu bolso e o entregando a Otelo. Torna-se amiga de Desdêmona e conselheira de seu marido. No entanto, Iago, desacreditado, vingá-se dela invertendo sua trajetória na peça de Shakespeare. Ele passa a influenciar Desdêmona, convencendo-a de que Constance estaria tendo um caso com Otelo. Desdêmona fica furiosa e tenta matar Constance, que é novamente levada a viajar, caindo em Verona, exatamente na cena em que Tebaldo e Mercutio duelam. Ela conta sobre o casamento de Romeu com Julieta, evitando que a tragédia seja desencadeada. Acontece que em Verona ela é vista como sendo um homem. E tanto Romeu quanto Julieta ficam perdidamente apaixonados por ela. Como ela recusa os dois, a confusão se torna cada vez maior. Romeu se convence de que Constance, que em Verona é chamada de Constantine, prefere Julieta, porque é homem e heterossexual. Julieta, no entanto, acredita que Constantine se interessa por Romeu, porque é homossexual. Assim, tanto um quanto o outro decidem mudar suas identidades sexuais, a fim de conquistar o estrangeiro. Romeu veste as roupas de Julieta, que veste as roupas de seu antigo namorado. Acontece que Desdêmona também é transportada para Verona, e continua sua tentativa de matar Constance. Desdêmona tenta sufocá-la com um travesseiro – da mesma forma como ela própria é morta por Otelo na peça de Shakespeare – na cama de Julieta. Então, elas percebem uma coincidência: as três fazem aniversário no mesmo dia. Constance percebe então que ela própria é o elemento que transforma as peças de Shakespeare de tragédia em comédia, tornando-se a nova autora da peça a que o público termina de assistir naquele momento.

Essas interferências de Constance nas tramas de Shakespeare acabam por salvar Desdêmona e Julieta de seus destinos trágicos originais, mas também salvam a própria Constance, que se descobre mais forte e segura do que imaginava, e percebe o quanto era explorada e desvalorizada na academia. O texto tornou-se um grande sucesso, recebeu vários prêmios, foi montado repetidas vezes, e vendeu várias edições de sua versão impressa. Foi também aclamado no meio acadêmico. A esse respeito, Novy (1999, p. 81) afirma, a partir do fato de que em 1997 a peça contava já com oito reimpressões, que “uma das razões para suas oito impressões é que ela pode ser usada como um texto em um curso sobre Mulheres e Shakespeare, ou Reescrituras de Shakespeare, e muitos alunos irão apreciá-la enquanto poucos, se algum, reclamará de seu riso subversivo”. Essa versatilidade contida no texto, permitindo que ele seja utilizado para diversas discussões, bem como o tom bem-humorado ao mesmo tempo que sério, são características realmente louváveis na obra. No entanto, há críticos que acreditam que o seu sucesso se deve principalmente ao sucesso de Shakespeare. Como o texto lida com duas das obras mais populares do autor, o sucesso ocorreria como uma espécie de efeito secundário, uma vez que funcionaria como um olhar diferente sobre o texto shakespeareano. Assim, MacDonald seria beneficiária do sucesso, da popularidade e da credibilidade dos textos usados como fonte para sua peça. Talvez essa tendência, de considerar que o sucesso da peça se deve mais a Shakespeare do que à peça mesma, seja uma sugestão de que uma eventual irmã do bardo só seria capaz de alcançar fama e respeito graças à relação de parentesco com ele.

Claro que não é apenas a boa aceitação do livro na academia que explica o seu sucesso. Nem apenas o fato de que a trama se assenta sobre o sólido terreno da obra de Shakespeare, o que garante que o público, especialmente em países anglófonos, seja capaz de reconhecer e compreender parte do seu conteúdo. O fato é que MacDonald constrói, antenada com as técnicas pós-modernas de composição textual, uma trama com várias camadas. Assim, a peça serve como uma bem-humorada brincadeira com a literatura, uma vez que coloca

personagens familiares em situações inusitadas; serve como uma discussão sobre gênero, especialmente a respeito da situação da mulher nas sociedades ocidentais; serve também como uma produção que ressalta, de maneiras diversas, aspectos da cultura canadense. Afinal, é uma canadense que dá o seu toque nesses clássicos. E ela o faz a partir do seu país. Em uma entrevista Ann-Marie MacDonald afirma, sobre o Canadá: “sempre fui apaixonada por este lugar e por ver o mundo todo a partir daqui. Eu o acho um lugar muito humano para se estar posicionado” (Gallagher; Booth, 2003, p. 263). Essa paixão pelo Canadá fica clara em toda a sua obra. Em *Goodnight Desdemona (Good morning Juliet)*, o Canadá é tematizado por meio de vários símbolos, como o fato de sua protagonista trabalhar na Queen’s University e começar bebendo uma cerveja da marca *Coors*. A representação do país se faz por meio de marcas de produtos, tipos de roupas e comportamentos, mas também por meio de um pensamento sobre o gênero que é bem próprio de uma sociedade que luta para garantir igualdade de direitos a todos.

Por causa da necessidade de se buscar a garantia de direitos para todos, escrever uma peça que pudesse revisar os textos shakespearianos não poderia ser apenas evitar a morte das “heroínas”. MacDonald evita as mortes, concede um volume de falas femininas muito maior do que as falas masculinas e maior do que o existente nos textos originais. E ainda cria desdobramentos jamais imagináveis a partir da obra do dramaturgo inglês. Afinal, nem a *Desdêmona* nem a *Julieta* de MacDonald podem ser vistas como reprodução das personagens de Shakespeare. Elas mantêm alguns traços iguais, como o local e os homens a quem amam, garantindo o seu reconhecimento, mas são mulheres muito diferentes, ativas, emancipadas. E a peça cumpre ainda o papel de revisar o olhar que tradicionalmente se lançou sobre o trabalho de Shakespeare, com suas posições a respeito do gênero.

Assim, MacDonald coloca o Canadá, por meio da sua literatura, em uma posição privilegiada na sociedade contemporânea. Afinal, é a partir dele que a autora sugere a viagem de emancipação da mulher, da busca da igualdade de

gênero, empreendida por Constance. E para fazer isso, ousa se apropriar e modificar um dos pilares da cultura anglófona. Revisando Shakespeare, MacDonald cria uma obra que vem desencadeando uma série de leituras como esta, que, ao se acumularem podem dar a ela própria o lugar no panteão dos clássicos.

Referências

GALLAGHER, Kathleen; BOOTH, David (eds.). *How theatre educates: convergences and counterpoints with artists, scholars, and advocates*. Toronto: University of Toronto Press, 2003.

KRÖLLER, Eva-Marie (ed.). *The Cambridge companion to Canadian literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MacDONALD, Ann-Marie. *Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)*. Toronto: Vintage Canada, 1998.

NOVY, Marianne (ed.). *Transforming Shakespeare: contemporary women's re-visions in literature and performance*. Nova York: St. Martin's Press, 1999.

